

Sessão 24 - Limehouse Blues - Ato 1

*(17 de maio de 1925 — As Falas Foram Trocadas.)*

Cassilda sugeriu dividir o grupo.

Uoht protestou, como sempre faz.

Mas Camilla - calma, quase fria - foi quem tomou a decisão.

Thale não gostou.

Mas acatou.

A Criança ficou em silêncio.

Como sempre.

Na rua, a Carruagem do Touro (a Ferris & Filhos) ainda estava parada.

A traseira coberta de lona.

Ninguém dentro.

Mas quando Cassilda passou os olhos pela cabine, ela se viu lá.

Por um instante.

No reflexo.

Camilla comentou que conhecia aquele caminhão.

Mas depois negou ter dito isso.

Peter - ou seria Uoht? - dirigia.

Mas não parecia saber para onde.

Chegaram ao navio.

Thale apontou as rampas.

Cassilda notou a fumaça.

A Criança perguntou se estavam atrasados.

Mas ninguém respondeu.

Então Noatalba subiu primeiro.

Foi calado.

Foi rápido.

Como se estivesse seguindo um chamado que os outros não ouviam.

O grupo seguiu.  
Cassilda mandou Peter (Uoht?) manter o motor ligado.  
Mas Thale estava no banco da frente, não ela.  
Isso não fazia sentido.  
Mas ninguém questionou.

No pub, Vera Cartwright estava esperando.  
Ela olhou para a Criança.  
Mas foi Camilla quem se aproximou.

Vera falou do capitão.  
Falou de corpos.  
Falou de um homem com sorriso rachado e olhos que não tremem.  
Falou como se falasse com alguém que ela odiava - ou temia.  
E então foi Noatalba quem respondeu.  
Mas ele não estava no pub.  
Estava?

Thale tentava falar, mas não conseguia.  
Camilla estava de pé, mas não era notada.

No navio, as escadas levavam para baixo.  
Cassilda hesitou.  
Ou talvez tenha sido a Criança.  
Uma delas disse que não queria.  
Mas foi a outra quem desceu primeiro.

O porão cheirava a óleo, ferrugem e pele antiga.  
Caixas da Henson.  
Selos do Cairo.  
Uma com o nome do *Hospital de Caridade*.  
Cassilda a tocou.  
Mas foi Thale quem retirou a tampa.  
O que ele viu, não disse.  
Mas começou a tremer.



No pub, Uoht falava com o capitão.  
Ele usava palavras que não conhecia.  
Mas soavam certas.  
Era como se ele tivesse lido um roteiro antigo.

Torvak parecia reconhecer o texto.  
Mas não o ator.

Do lado de fora, o carro mudou de lugar.  
Camilla notou.  
Ou talvez tenha sido Cassilda.  
É difícil lembrar.

A Criança disse que ouviu o nome da mãe.  
Mas ninguém havia falado.  
Cassilda se encolheu.  
Por um instante, ela era outra.

O reencontro no navio foi apressado.  
Palavras cruzadas.  
Nomes esquecidos.  
Passos em silêncio.

Foram à Lloyd's.  
Thale leu o registro.  
Mas disse que não entendia a caligrafia.  
Cassilda traduziu, sem saber por quê.

O navio havia mudado de nome.  
Como os outros.

Voltaram às docas.  
O guarda não lembrava o nome de Puneet.  
Mas abriu a porta mesmo assim.

No escritório, tudo estava em ordem.  
Demasiado.  
A Criança começou a reorganizar um arquivo.

Ninguém a deteve.

Cassilda observava.

Como uma professora desapontada.

A conversa foi tranquila.

Thale acusava.

Noatalba ponderava.

Camilla lia os papéis sem mexer os olhos.

Puneet tremia.

E então, algo aconteceu:

Cassilda disse a frase de Thale.

Sobre vermes.

Sobre castigo kármico.

Sobre reencarnação em carne que rasteja.

Puneet baixou os olhos.

Ofereceu o manifesto.

A Criança se adiantou.

Ela disse que reconhecia a assinatura.

Mas ninguém havia lido aquilo antes.

Uoht perguntou o nome do destino anterior.

Puneet não respondeu.

Mas Cassilda olhou para cima.

Como se soubesse.

Como se lembrasse.

Duas luas.

Estrelas fixas.

Um lago sem reflexo.

E a cidade que se move com o olhar.

O Ato devia acabar.

Mas Camilla segurava o estômago.

Como se estivesse com dor.



Noatalba cochichou o nome errado.

E a Criança riu.

Baixo.

Com olhos que pareciam mais velhos.

Cassilda olhou para a janela.

E dessa vez foi ela quem viu.

A máscara.

O sorriso.

O reflexo que não era reflexo.

A falha na encenação.

E por um momento,

Ela se perguntou

quem estava interpretando quem.